

# Panorama

Editor: Igor Natusch  
igor@jornaldocomercio.com.br

FABIOLA CORREA/JC



Clara Pechansky, artista visual e "madrinha" da Gravura Galeria de Arte

## ARTES VISUAIS

# GALERIA GRAVURA CELEBRA 30 ANOS DE HISTÓRIA COM EXPOSIÇÃO COLETIVA

Joana Luna Camargo  
joanac@jcrs.com.br

"Inestimável." É assim que Clara Pechansky define o trabalho de 30 anos de Regina Galbinski à frente da Gravura Galeria de Arte (Corte Real, 647), concluindo que "assim como ela prestigia os artistas consagrados, que já fazem parte do sistema de arte, ela também dá oportunidade para os novos que fazem sua primeira exposição e a partir daí se tornam profissionais".

Para celebrar os 30 anos, a Gravura abre nesta quarta-feira, às 19h, a exposição *O Tempo Passa, a Arte Fica*, com obras de 66 artistas ligados à sua história, entre eles Zoravia Bettiol, Britto Velho, Mariana Sperotto,

Marília Fayh e Paulo Amaral. A visitação vai até 1º de agosto, de segunda a sexta das 9h30 às 18h30, e aos sábados das 9h30 às 13h30, com entrada gratuita.

Clara conhece muito bem o espaço, já que foi ela quem, em 1996, orientou Regina Galbinski e sua irmã Renata sobre o funcionamento do mercado da arte, quando as duas arquitetas ainda planejavam abrir a galeria. O espaço surgiu com o propósito de comercializar exclusivamente múltiplos, ou seja, gravuras - por isso o nome. Cerca de um ano e meio depois, com o espaço já consolidado, Regina voltou a procurar Clara para o convite de que ela fizesse a primeira exposição individual de peças únicas da galeria, com desenhos

e pinturas. "Por isso elas me consideram madrinha", explica Pechansky.

Desde então, ao longo de três décadas, a Galeria foi o principal espaço de exposição dela em Porto Alegre. Especialista em gravura em metal, litografia e serigrafia, Clara também criou em 2003 o Projeto Miniarte Internacional, intercâmbio de pequenos trabalhos que já chegou a 17 países e recebeu obras de outros 37, hoje na 55ª edição.

Para quem coleciona gravuras, ela desmistifica ainda um equívoco comum: a ideia de que as primeiras cópias de uma tiragem valem mais do que as últimas. "Como a gravura implica que todos os exemplares são iguais, todos valem exatamente



Obra de Britto Velho está na exposição *O tempo passa, a arte fica*

a mesma coisa", explica a artista com 70 anos de carreira.

Das 66 obras que estão na exposição, 53 são de mulheres, um número que Clara não vê como coincidência, mas como reflexo de uma transformação histórica lenta e ainda em curso. "Às mulheres, até o século XIX, não era permitido serem artistas. O que se esperava é que pintassem apenas temas domésticos, dentro de casa, com autorização do marido", explica. Ela cita Artemisia Gentileschi, pintora barroca italiana e contemporânea de Caravaggio, como uma das poucas que romperam com isso antes do tempo, autora do famoso *Judite decapitando Holofernes*, quadro que mostrava uma cena de vio-

lência e vingança, "atitudes não esperadas de uma mulher".

A galeria nunca mudou de endereço. Começou no andar térreo da casa da mãe de Regina e cresceu ao longo dos anos até os atuais 200 metros quadrados. Ao longo da trajetória, levou a produção de artistas gaúchos para exposições em Nova York, Los Angeles, Buenos Aires, Costa Rica e Miami, além de participar da Bienal do Mercosul e da FASSP, em São Paulo. "Muita coisa mudou no mundo nesse tempo. Tivemos pandemia, enchente, transformações que ninguém esperava. A arte ficou. E a Gravura também", resume Regina, que assina a curadoria da mostra comemorativa.

BRITTO VELHO/REPRODUÇÃO/JC